

Galgano, Nicola S.

Depois ou antes: Parmênides e o tempo em DK 8. 9-10

ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

Depois ou antes: Parmênides e o tempo em DK 8. 9-10

Nicola S. Galgano.
USP

RESUMO: É um *cliché* muito comum considerar que Parmênides introduz a atemporalidade na história da filosofia, negando o tempo em seu poema. Este *cliché* está baseado em passagens que supostamente expressam claramente esta negação. Das muitas passagens, a mais importante é a DK 8. 5: ὕδὲ ποτ' ἦν οὐδ' ἔσται, ἐπεὶ νῦν ἔστιν ὁμοῦ πᾶν / ἔν, συνεχῆς [...]; nem nunca era nem será, pois é todo junto agora, / uno, contínuo. Todavia, estudos recentes contestam esta interpretação, que podemos chamar de clássica, mostrando problemas no estabelecimento do texto de 8. 5 e na sua tradução. Meu objetivo, em linha com estes estudos, é mostrar duas coisas. A primeira é que os versos 8. 9-10, que contêm as palavras 'depois' e 'antes' (ὕστερον e πρόσθεν), não apresentam uma noção de tempo, a qual seria afinal negada pelo argumento, e portanto não propõem uma atemporalidade. A segunda é que estas duas palavras, que parecem indicar marcação de tempo, não discutem especificamente o tempo, mas se referem a uma ideia mais simples, a de sequência.

PALAVRAS-CHAVE: Parmênides, eleatismo, ontologia, tempo, ser.

ABSTRACT: It is a very common *cliché* to think Parmenides introduce atemporality in the history of philosophy, negating time in his poem. This *cliché* is grounded in passages which supposedly express clearly this negation. Of the many passages, the most important is DK 8. 5: ὕδὲ ποτ' ἦν οὐδ' ἔσται, ἐπεὶ νῦν ἔστιν ὁμοῦ πᾶν / ἔν, συνεχῆς [...]; not sometime was not will be, since it is now altogether total. Notwithstanding, recent studies contest this interpretation, which we can call classic, showing problems in the reconstruction of de text of 8, 5. My aim, in line with these studies, is to make evident two things. The first is that the verses 8. 9-10, which contain the words 'after' and 'before' (ὕστερον and πρόσθεν), do not present a notion of time, which would be negated by the argument, and hence do not introduce atemporality. The second is that these two words that seem to point out the mark of time, do not specially discuss time, but refer to a simpler idea: the notion of sequence.

KEYWORDS: Parmenides, eleaticism, ontology, time, being.

1. Muitos estudiosos do pensamento pré-socráticos consideram que Parmênides introduz a atemporalidade na história da filosofia, e o faz negando o tempo em seu poema. Esta visão, que se tornou um cliché, está baseada em passagens que supostamente expressam claramente esta negação. Das muitas passagens, a mais importante é a DK 8. 5:

Galgano, Nicola S.

Depois ou antes: Parmênides e o tempo em DK 8. 9-10

οὐδέ ποτ' ἦν οὐδ' ἔσται, ἐπεὶ νῦν ἔστιν ὁμοῦ πᾶν
ἔν, συνεχές [...]
*nem nunca era nem será, pois é todo junto agora,
uno, contínuo;*¹

Mas há muitas outras que, de uma forma ou de outra, parecem falar da negação do tempo: 8. 9-10; 8. 19-20; 8. 21; 8. 26-28; 8. 29-30; 8. 36-37; 19. Todavia, alguns estudos recentes contestam esta interpretação, que podemos chamar de *clássica*, mostrando tanto problemas no estabelecimento do texto de 8. 5 quanto na sua tradução e propondo novas interpretações, embora sem unanimidade. O meu objetivo aqui, em linha com este estudos, é mostrar duas coisas. A primeira é que os versos 8. 9-10, que contêm as palavras ‘depois’ e ‘antes’ (ὕστερον e πρόσθεν), não apresentam uma noção de tempo, a qual seria afinal negada pelo argumento, e portanto não propõem uma atemporalidade. A segunda é que estas duas palavras, que parecem indicar marcação de tempo, não discutem especificamente o tempo, mas se referem a uma ideia mais simples, a de sequência. Para tanto, usando como guia o ótimo estudo de Massimo Pulpito, *Parmenide e la negazione del tempo* (2005), começarei com uma breve panorâmica da interpretação clássica atemporalista, depois exporei brevemente a contestação da posição perpetuista, sucessivamente falarei de uma terceira possibilidade, proposta pelo próprio Pulpito, e finalmente analisarei os versos 8. 9-10.

Vamos começar citando Guthrie, falando dos primeiros versos do fr. 8, ele diz: “As necessárias características da realidade são brevemente listadas nos versos 3 a 6 do fr. 8: é eterno, imóvel, um e contínuo, e passado e futuro são sem sentido para ele”². Temos que relembrar aqui que eternidade tem, em filosofia, dois sentidos, um de duração perpétua e outro de duração nula. O primeiro foi atribuído a Heráclito, segundo suas palavras no fr. DK 30, onde, falando do *logos*, ele diz: “Este mundo, o mesmo de todos os (seres), nenhum deus, nenhum homem o fez, mas ele era, é e será, fogo sempre-vivo...” (Tr. Cavalcante de Souza, 1996, p. 90). Já o segundo sentido foi creditado a Parmênides pelas palavras aparentemente simétricas do fr. 8. 5 (*nem era, nem será...*). Assim, Heráclito foi chamado o filósofo do tempo de duração eterna e Parmênides o filósofo da eternidade sem tempo ou fora do tempo ou atemporal. Deixando de lado as questões do tempo em Heráclito, vamos dizer algo sobre o tempo em Parmênides.

¹ A edição e tradução do poema de Parmênides aqui utilizadas são sempre aquelas de Fernando Santoro (2011), exceto indicação diferente. A numeração dos fragmentos é aquela de Diels-Kranz, respeitada por Santoro apesar de usar uma ordenação diferente.

² Guthrie, 1978, p. 28: “The necessary characteristics of reality are briefly listed in vv. 3-6 of fr. 8: it is eternal, unmoving, one and continuous, and past and future are meaningless for it.”

Galgano, Nicola S.

Depois ou antes: Parmênides e o tempo em DK 8. 9-10

2. O tempo no poema

2.1. O atemporalismo. A doxografia até os neo-platônicos não se preocupou com a temática do tempo em Parmênides. Uma primeira sugestão de leitura de 8. 05 em sentido atemporal surgiu somente entre os neo-platônicos a partir de palavras de Platão, o qual no Timeu diz: "... 'o que era' e 'o que será' são modalidades devenientes do tempo que aplicamos de forma incorreta ao ser eterno por via da nossa ignorância. Dizemos que 'é', que 'foi' e que 'será', mas 'é' é a única palavra que lhe é própria de acordo com a verdade..." (Tr. Lopes, 2011, p. 110). Esta passagem influenciou a interpretação do texto de Parmênides, às vezes de forma explicitamente reconhecida pelo autor, como faz Ammônio (DK 28 A 30), outras vezes de forma não explícita, quando o estudioso, sem se dar conta, aplicava o argumento de Timeu a Parmênides. Mais recentemente, a crítica dos séculos XIX e XX começou a dar importância a este assunto, de início com poucas notas, depois com páginas e finalmente com um grande material. Dessa grande dedicação ao assunto, emergiram duas principais linhas interpretativas atemporalistas (Pulpito, 2005, p. 31 *passim*), usadas não exclusivamente pelos críticos, mas recorrendo ora a uma ora a outra: a discussão da letra do texto parmenidiano e a discussão da filosofia parmenidiana.

Na primeira linha, a discussão textual recai principalmente sobre 8. 5, verso que se encontra na parte do poema onde Parmênides faz um índice das características do *eon* que serão argumentadas ao longo do fr. 8. De fato, é ali que Parmênides diz do *eon*: "*que sendo ingênuo também é imperecível. Pois é todo único como intrépido e sem meta; nem nunca era nem será, pois é todo junto agora, uno, contínuo*" (DK 8. 3-6) e a seguir argumenta a respeito destas características. No entanto, quando verificamos a correspondência entre as características listadas e a argumentação correspondente, aparecem duas surpresas: apesar de constar que o *eon* é *uno*, não há nenhum argumento a favor da *unidade* e, apesar de constar que *nunca era nem será* parece não haver nenhum argumento a respeito da questão do tempo, muito menos da atemporalidade. Então foram feitas inúmeras tentativas para evidenciar alguma argumentação temporal (e atemporal) ou para encontrar correções satisfatórias e interpretações alternativas para a passagem fortemente corrompida dos primeiros 5 ou 6 versos do fragmento 8. Entre os críticos, reportados por Pulpito, favoráveis à leitura clássica

Galgano, Nicola S.

Depois ou antes: Parmênides e o tempo em DK 8. 9-10

atemporalista pela linha interpretativa textual, cito apenas Kahn, Mourelatos, Owen, Reale, Sorabji³.

A segunda das duas linhas interpretativas atemporalistas se desdobrou em dois grupos de argumentos, *argumento físico* e *argumento lógico-ontológico* (denominações de Pulpito, p. 41). O *argumento físico*⁴ consiste no seguinte: partindo do pressuposto de que há uma implicação tempo-devir segue que “onde não há tempo não há mutação; mas, no ser parmenidiano não há mutação, logo também não há tempo” (Pulpito, *ibidem*). O *argumento lógico-ontológico*⁵ é inteiramente diferente: “o tempo consiste em passado, presente e futuro, ou seja, consiste em *era*, *é*, e *será*, mas *era* e *será* implicam o não ser (não ser mais e não ser ainda); ora, *ser* não pode *não ser*, logo *não era* e *não será*, pois o único momento que lhe deve ser atribuído é aquele expresso pelo *é*” (*ib.*).

2.2. O tempo perpétuo. Não foram poucos os que se opuseram a esta leitura atemporal de Parmênides. Desde o começo do século XX foi arguido que, antes de tudo, no próprio verso 8. 5, ao lado do *não era* e *não será*, há um *agora* (vũv) que é claramente um adverbio de tempo; há também, ao longo do poema, um importante vocabulário, referido ao *eon*, com sentido de permanência, como *sem começo* e *sem parada* de 8. 27 (ἀναρχον ἄπανστων) e *ai fica* de 8. 30 (μένει)⁶. Ademais, acrescentam os críticos que contestam a leitura atemporalista, não há nenhuma justificação do atemporalismo em qualquer parte do poema; mesmo o nexos entre tempo e devir não está explicitado e não é provável que Parmênides o levasse em conta para uma teoria da atemporalidade. Essas considerações levaram os críticos do atemporalismo a uma visão oposta, aquela que defende a *perpetuidade* do tempo em Parmênides. E a leitura da perpetuidade foi ainda reforçada pela associação com Heráclito, que muitos consideram anterior a Parmênides, e com Melisso, discípulo do eleatismo, o qual afirma, a respeito do ser que: “sempre era o que era e sempre será” (fr. 1). Principalmente esta última referência, foi considerada decisiva já que muitos estudiosos recorreram à clareza da argumentação do discípulo Melisso para decifrar o poema críptico do mestre Parmênides. Nessa linha, foram propostas então leituras tanto de um tempo de duração perpétua quanto de um perpétuo presente, justificado principalmente pelo adverbio

³ Kahn, 1968, 1969; Mourelatos, 2008; Reale, 1970; Sorabji, 1983.

⁴ Defendido, por exemplo, por Owen, 1966, e Reale, 1970.

⁵ Defendido por Kahn, 1969, e Calogero, 1967.

⁶ Pulpito reporta outros problemas textuais apontados pela crítica (op. cit., p. 31 *passim*), que porém são menos evidentes e precisariam de justificações mais complexas. Um deles, o uso de *antes* e *depois*, será objeto de nossas considerações mais adiante.

Galgano, Nicola S.

Depois ou antes: Parmênides e o tempo em DK 8. 9-10

võv e pela exclusão de passado e futuro. Aqui também, dos muitos autores reportados por Pulpito, cito apenas Tarán, Whittaker e O'Brien⁷.

2.3. O tempo pressuposto. Há, todavia, uma outra possibilidade, que reflete a posição de Pulpito, que é aquela pela qual Parmênides, embora use expressões que implicam o tempo, não fale e não discuta nem do tempo e nem da atemporalidade; per Pulpito, Parmênides falaria esporadicamente e indiretamente do tempo comum, segundo seu padrão cultural, ou seja, falaria tão somente do tempo de duração contínua e indefinida que contém todos os acontecimentos. Para ele, Parmênides não trata do tempo, apenas *o pressupõe*, em sua noção comum, quando examina os demais aspectos do *eon*. Vejamos seus argumentos.

O estudioso italiano faz numa crítica exaustiva a todas as posições do debate, mostrando a fraqueza de todas elas, tanto as atemporalistas quanto as perpetuistas. Vamos começar pela segunda das duas linhas interpretativas atemporalistas, aquela que se baseia na interpretação filosófica do poema. Como já dissemos, há dois grupos de argumentos, o do *argumento físico* e o do *argumento lógico-ontológico*. A crítica principal ao *argumento físico* é que não há nenhum indício de que a implicação tempo-devir fosse clara para Parmênides. Ou seja, no texto do poema, não se faz claro o fato de que a sucessão temporal implica a mutação onde, por conseguinte, negando-se a sucessão temporal, nega-se imediatamente a mutação. Essa noção vai aparecer somente com Platão ou, segundo alguns, até mesmo somente com Plutarco. Em seu arcaísmo, acentua Pulpito, Parmênides não distinguia essas noções e possivelmente não se dava conta dessas implicações, prova é que no texto do poema não há nenhuma referência à implicação tempo-devir.

Já a crítica ao *argumento lógico-ontológico* ataca o coração do argumento, ou seja, o fato de que o poema tematizaria o 'é' verbal (interpretação predicativa do ser parmenidiano). Mas, diz Pulpito, “[para Parmênides] o objeto do pensamento é *o que existe*. Com estas premissas, não se pode aceitar a ideia de que tanto o *era* quanto o *será* sejam negados porque implicariam um ‘não é’ subjacente” (p. 181). Ademais, [... por afirmar um simultâneo *não é* ao *era* e *será*...] este argumento contradizia um ponto essencial da argumentação parmenidiana, isto é, a negação da nulidade da existência passada antecedente ao nascimento (nulidade que o argumento, pelo contrário, afirmaria)” (*ib.*).

Vejamos agora sumariamente o que Pulpito diz da primeira linha interpretativa. O verso 8. 5 parece apresentar um caráter do *eon* (a atemporalidade) que porém não é

⁷ Tarán, 1965, 1979; Whittaker, 1971; O'Brien, 1987.

Galgano, Nicola S.

Depois ou antes: Parmênides e o tempo em DK 8. 9-10

sucessivamente argumentado, ficando isolado dentro do contexto do fr. 8, mas também dentro do contexto do poema, pois Parmênides jamais fala de tempo nas demais partes do texto. A variante de 8. 5, trazida por Untersteiner, (em Amônio, Asclépio, Olímpodoro e Filopono: οὐ γὰρ ἔην, οὐκ ἔσται, ὁμοῦ πάν, ἔστι δὲ μούνον οὐλοφύες) também não resolve o problema, pelo contrário, por ser ainda mais clara, parece mais ainda uma corrupção neoplatônica ao texto original, e afinal apresenta uma interpretação muito mais próxima à *clássica*, deixando em aberto o problema do isolamento da expressão temporal dentro do poema.

A seguir, ele aproveita uma terceira solução, desta vez muito elegante do ponto de vista filológico, que foi trazida independentemente por dois estudiosos à distância de 20 anos; o primeiro foi Manchester em 1979 e depois dele Cerri, em 1999. Ambos estavam preocupados com o termo ἀτέλεστον (incompleto), adjetivo referido ao *eon* que parecia não fazer sentido dentro da concepção parmenidiana. O que estes autores propuseram é algo muito simples: retirar o ponto alto do verso 8. 4; assim, o *nem era e nem será* fica ligado ao anterior ἀτέλεστον, deixando de se referir diretamente ao *eon* e passando a ter o seguinte sentido: “O *eon* é inteiro inabalável e, ademais, *incompleto nem era e nem será*, pois é agora todo junto”. Desta forma, o *era* e o *será* não têm mais um sentido temporal forte, mas passam a ser apenas uma forma expressão, dentro de uma concepção comum de tempo, a enfatizar que a completude do *eon* não varia com o tempo. Com isso, Pulpito conclui que há sim uma afirmação de tempo, mas não de atemporalidade e nem há uma afirmação voluntária da eternidade de duração perpétua, ou de um eterno presente; o tempo em causa é o tempo da percepção comum, um tempo persistente e que contém o acontecer das coisas.

O estudo completo de Pulpito desmonta tanto a tese da atemporalidade em Parmênides quanto a ideia de que ele tenha utilizado uma concepção nova de tempo perpétuo, enfrentando passo a passo todo o poema, refutando com críticas precisas cada argumento aduzido pelos estudiosos e, portanto, levando a conclusões sobre a ausência de qualquer discussão sobre o tempo, conclusões que inclusive independem da modificação Manchester-Cerri. Em suma, para ele, o texto parmenidiano implica a noção de *tempo infinito*, no sentido comum, sem contudo que Parmênides tenha explicitado alguma discussão a respeito, e conclui: “Parmênides não foi o primeiro filósofo a introduzir a ideia de eternidade atemporal e de negação da duração; isto explica não somente a ausência desta noção na filosofia imediatamente sucessiva, mas também o silêncio das fontes sobre o atemporalismo parmenidiano até os neo-platônicos (com os quais o poema começou a ser lido levando em conta o Timeu).” (p.183-184).

Galgano, Nicola S.

Depois ou antes: Parmênides e o tempo em DK 8. 9-10

3. O ser não nasce do ser: 8. 9-10

Após essa breve panorâmica podemos nos dedicar com mais segurança aos versos 9 e 10, objeto principal de nosso estudo. Vejamos então o texto dos versos em seu contexto:

6 τίνα γὰρ γένναν διζήσεται αὐτοῦ;
πῆι πόθεν ἀύξηθέν; οὐδ' ἐκ μὴ ἐόντος ἑάσσω
φάσθαι σ' οὐδὲ νοεῖν· οὐ γὰρ φατὸν οὐδὲ νοητόν
ἔστιν ὅπως οὐκ ἔστι. τί δ' ἂν μιν καὶ χρέος ὄρσεν
10 ὕστερον ἢ πρόσθεν, τοῦ μηδενὸς ἀρξάμενον, φῶν;
οὕτως ἢ πάμπαν πελέναι χρεῶν ἔστιν ἢ οὐχί.
οὐδέ ποτ' ἐκ μὴ ἐόντος⁸ ἐφήσει πίστιος ἰσχύς
γίγνεσθαι τι παρ' αὐτό·

6 pois que origem sua buscarias?
Por onde, de onde se distenderia? Não permitirei que tu
digas nem penses que do não ente: pois não é dizível nem pensável
que seja enquanto não é. E que Necessidade o teria impelido,
10 depois ou antes, a desabrochar começando do nada?
Assim, ou é necessário existir totalmente ou de modo algum.
Tampouco que do não ente, nunca força de Fé permitirá
surgir algo para além do mesmo

O contexto desses versos é a argumentação a respeito do primeiro dos *sémata*, a impossibilidade da geração a partir do nada. Parmênides desenvolve esse argumento ao longo de 16 versos, desde 8. 6 até 8. 21. A exegese da passagem toda é complexa e polêmica (como quase todos os versos do poema) e muitos esforços foram feitos para evidenciar o tipo de argumento. As pesquisas mais recentes parecem aceitar que Parmênides esteja argumentando

⁸ Para o verso 12 mantenho a edição de Diels. Na edição de Santoro o verso proposto reporta a correção de Karsten: οὐδέ ποτ' ἐκ <τοῦ ἐ>όντος ἐφήσει πίστιος ἰσχύς. Acompanha a seguinte nota de aparato (n. 44): <τοῦ ἐ>όντος Karsten; μὴ ἐόντος Diels; μὴ ὄντος Simplicio DE; γε μὴ ὄντος Simplicio F, Ald. Em seguida Santoro traduz: “*Tampouco que do ente, nunca força de Fé permitirá*”. A tradução é acompanhada da seguinte nota: “Adotamos a correção de Karsten (seguida por Reinhardt, Frère e O’Brien), pois concordamos que já foi tratada a impossibilidade da geração desde o não ente, e agora o argumento desdobra-se na impossibilidade de geração desde o ente; de modo que a adição do “não” teria sido muito provavelmente uma correção dos redatores neoplatônicos, para que a ideia não confrontasse a teoria da geração desde o ser, de Plotino, a teoria dos “transbordamentos hipostáticos” em que o uno gera o intelecto, o intelecto gera a alma, e esta a matéria. Cf. O’Brien in: Aubenque, *Études sur Parménide*, II, 343-348” (Santoro, 2011, p. 94-95). Eu concordo com a interpretação de Santoro e dos demais autores aos quais ele faz referência, de que a passagem se refere à geração a partir do ente, depois de ter falado da geração a partir do não ente, mas penso que não haja necessidade de corrigir o verso e elidir um importantíssimo μὴ que compõe o segundo dos preceitos da Deusa. Pelo contrário, o ἐκ μὴ ἐόντος expressa a ideia, isto é, a compreensão (πίστιος ἰσχύς) de que, apesar de parecer que um ser vem de outro (γίγνεσθαι τι παρ' αὐτό), se assim fosse, na verdade ele viria do nada. Veja a interpretação mais abaixo.

Galgano, Nicola S.

Depois ou antes: Parmênides e o tempo em DK 8. 9-10

de forma rigorosa⁹ e chegou-se a afirmar que ele é o primeiro a usar a expressão que ficará famosa entre os matemáticos, *quod erat demonstrandum* (Rossetti, 2010). Eu penso que isto está correto e é exatamente o formato argumentativo rigoroso que permitirá (como veremos mais adiante) a interpretação sequencial ao invés de cronológica das expressões *depois* e *antes*.

De fato, Parmênides enunciara anteriormente (frs. 2, 6 e 7) algumas regras para a construção de um discurso rigoroso. Estas regras são propostas novamente no fr. 8 *ad hoc* para formar os argumentos que justificam os vários *sémata* e aqui posso apenas lembrá-las, pois uma discussão crítica a respeito é impossível nesta sede. Uma delas, a mais importante, pode ser assim enunciada: “é impossível negar o ser” (axioma da contradição, “O Preceito da Deusa”); a segunda, que segue desta primeira, pode ser enunciada assim: “não se deve usar o não-ser no pensamento e no discurso”, isto é, no argumento (axioma da não-contradição).

Tendo em mente esses dois preceitos, vamos aos argumentos. Em toda a passagem 8. 6-21, Parmênides argumenta primeiro sobre a impossibilidade da geração a partir do nada em 8. 6-9, depois sobre a impossibilidade da geração a partir do ser em 8. 9-13, finalmente faz um resumo do argumento inteiro em 8. 13-21, entremeando ainda considerações sobre a impossibilidade do perecimento. Aqui desconsideraremos a terceira parte, aquela dos versos 8. 13-21. Vejamos primeiro o argumento em 8. 6-9.

Como é fácil notar, ao longo do poema Parmênides utiliza uma forma própria de enunciar os argumentos, forma que passamos a descrever. Para tanto, é preciso levar em conta alguns elementos. O primeiro deles é que Parmênides está falando das características do *eon*, isto é, está falando do mundo e de sua estrutura íntima, portanto os argumentos têm por objetivo a descrição de seus componentes estruturais e invariantes. Em outras palavras, Parmênides está argumentando a respeito das leis intrínsecas do mundo, aquelas que não mudam e que são comuns a todas as coisas. A maneira que Parmênides usa para expressar este império das estruturas é aquela tradicional, onde, de forma animista, o acontecer das coisas é atribuído a desejos divinos. Assim, no poema é uma deusa que explica como o mundo é estruturado e, por conseguinte, quando ela ordena algo, como se fosse de vontade própria, a ordem necessariamente *ipso facto* acontece: a ordem dada pela deusa é a ordem intrínseca do mundo. Parmênides expressa isto com o uso gramatical do imperativo, fato nem

⁹ Assim comenta Cordero: “Los *sémata* del fr. 8 son indícios, e incluso pruebas (para no decir ‘demonstraciones’)” (Cordero, 2005, p. 192).

Galgano, Nicola S.

Depois ou antes: Parmênides e o tempo em DK 8. 9-10

sempre levado em devida conta pela crítica, ou com expressões imperativas. O imperativo da deusa é o imperativo intrínseco do mundo (cf. Galgano, 2015b).

Para que se entenda a forma argumentativa de Parmênides, é preciso lembrar que ele está entre os primeiros pensadores que apresentam argumentos a respeito dos assuntos cosmológicos. Então, o argumento é algo acrescentado ao formato tradicional, que consistia apenas no enunciado da lei (o deus apenas enunciava seu desejo, não tendo quer dar conta do porquê), sem acréscimo explicativo. Assim, atendendo ao formato tradicional, o enunciado está em primeiro plano e as justificações são acrescentadas depois: primeiro a deusa enuncia a lei e depois ela explica (argumenta). Na nossa forma de argumentar, partimos de um problema, elaboramos os dados do problema segundo certas regras e chegamos a uma conclusão. Mas, na visão tradicional, para a divindade não é necessário elaborar e resolver o problema, pois a solução é divinamente imediata; assim a deusa, seguindo o rumo tradicional, expõe a lei: “o *eon* é ingênito e imperecível” (8. 3). Mas – e aqui entra a novidade parmenidiana – a seguir, a deusa expõe o problema, a forma de resolvê-lo e a conclusão intermediária. Considerando que a deusa usa os dois preceitos lembrados acima, o argumento se dá em 5 passos:

- (1) Enunciado do primeiro *sema* (tese): “o *eon* é ingênito e imperecível” (8.3, ἀγένητον ἐὸν καὶ ἀνώλεθρόν ἐστιν);
- (2) problema: “de onde é gerado” o *eon*? (8.6-7: “*pois que origem sua buscarias?*” τίνα γὰρ γένναν διζήσεται αὐτοῦ;);
- (3) axioma da contradição: “não dizível nem pensável é o que não é” (8.8-9: “*pois não é dizível nem pensável que seja enquanto não é*” οὐ γὰρ φατὸν οὐδὲ νοητὸν ἔστιν ὅπως οὐκ ἔστι.);
- (4) axioma da não contradição: “não é permitido dizer e pensar o não ser”, isto é, usar o não ser no argumento (8.7-8: “*Não permitirei que tu digas nem penses que do não ente*” οὐδ' ἐκ μὴ ἐόντος ἔάσσω φάσθαι σ' οὐδὲ νοεῖν); logo,
- (5) Conclusão: o *eon* “não nasce do não ser” (8.7, οὐδ' ἐκ μὴ ἐόντος) que confirma a tese.

A paráfrase do argumento pode ser construída lendo os trechos em seguida, começando pelo ponto (2) e terminando pelo (1): De onde é gerado o *eon*? Lembrando que “não é pensável e nem dizível negar o que é” e, portanto, “não sendo permitido utilizar o não-ser no pensamento e no discurso (no argumento)”, é necessário concluir que o *eon* não nasce do não-ser (pois este carece de sentido cognitivo), logo ele é ingênito.

Este mesmo modelo argumentativo é novamente proposto para justificar a impossibilidade da geração do ser a partir do ser (crescimento), mas antes de continuar, vamos

Galgano, Nicola S.

Depois ou antes: Parmênides e o tempo em DK 8. 9-10

ver a interpretação de Pulpito da passagem toda. Para ele o argumento da impossibilidade da geração a partir do nada vai até 8. 11. Pela sua reconstrução, Parmênides faz uma primeira pergunta em 8. 6b: “Pois, qual origem tu buscarias?”¹⁰ Depois faz uma segunda pergunta em 8. 7a: “Como e de onde teria crescido?” Na leitura de Pulpito, esta segunda pergunta recebe duas respostas: ao ‘como’ ele responde com 8. 9b, “Qual necessidade o teria obrigado a nascer, depois ou antes, se viesse do nada?”; ao ‘de onde’ Parmênides responde com 8. 7b-8, “Do não-ser eu não te concedo de dizer e nem de pensar, pois não é possível nem dizer e nem pensar que não é.” (p. 95). A seguir, Pulpito diz que negar o nascimento significa negar também o crescimento, o que explica o verso 8. 11: “Por isso é necessário que seja por inteiro ou que não seja de modo algum” (p. 99). Este verso fecharia esta sessão e depois Parmênides em 8. 12-13 passaria a falar de outra coisa, da impossibilidade do nascimento por composição.

Vamos examinar mais de perto a interpretação de Pulpito no que diz respeito aos versos 8. 9-10. Diz ele que, depois de proibir que se pense uma geração a partir do nada, Parmênides faz exatamente essa hipótese por absurdo: se tivesse nascido do nada, qual necessidade o teria impelido a nascer antes ou depois? (p. 96) A seguir, Pulpito aceita a leitura de O’Brien de que a expressão ὕστερον ἢ πρόσθεν tem que ser entendida como ‘depois ao invés de antes’, com o sentido de que a necessidade que o impeliu a nascer depois o impediria de nascer antes. No entanto, não há esta necessidade: “Parmênides está sustentando que, se o ser tivesse surgido do nada, deveria *já* ter nascido antes de quando nasceu; em outras palavras, o ser nunca nasceu porque haverá sempre um ‘antes’ e portanto existe *desde sempre*” (p. 98). Penso que o argumento de Pulpito permanece um pouco obscuro, em todo caso, o que importa aqui é que dado este ‘depois ao invés de antes’ fica determinada uma noção de tempo, no qual o ser (ainda que por absurdo) poderia nascer antes ou depois. Fica assim configurado um tempo receptáculo, dentro do qual se dão os acontecimentos. Pulpito prossegue com a seguinte explicação: dado, por absurdo, um tempo do nada, não haveria nele nenhum momento onde o ser possa começar a existir, porque no nada não há momento privilegiado que o justificasse. O nada é indiferente no tempo, e nesta indiferença não pode haver gênese. E continua: “Ele não está sustentando a não aplicabilidade ao nada da série ‘antes-depois’, eventualmente implicada pelo nascimento, afirmando que no nada não há antes e depois” Pelo contrário, diz Pulpito, Parmênides aplica esta estrutura temporal ao nada, e mostra que não há no nada nenhum momento privilegiado que possa favorecer a gênese. Assim, para além da

¹⁰ Aqui as traduções dos versos de Parmênides são retraduições minhas em português das traduções italianas de Pulpito.

Galgano, Nicola S.

Depois ou antes: Parmênides e o tempo em DK 8. 9-10

questão da impossibilidade da gênese e do perecimento, o texto mostraria a concepção parmenidiana do tempo, um tempo separado daquilo que acontece internamente a ele, ou seja, receptáculo do devir, sem que se perceba nenhuma implicação entre tempo e devir. Para Parmênides, diz Pulpito, o tempo é neutro em relação ao devir, pois para ele “não há um antes e depois *apenas* onde há gênese ou mutação (como, por exemplo, sustenta Reale), mas também onde nada acontece, ou seja, no nada, como demonstram estes versos.” (p.99).

Em outro trabalho, o argumento de Pulpito é ainda mais claro:

“Deduz [Parmênides] que se houvesse um nascimento a partir do nada, ele deveria acontecer num momento dado. Mas, os momentos do nada são todos iguais (isto é, o nada no tempo é sempre igual). Com efeito, por que deveria valer um momento ao invés do outro? Então, pelo princípio de indiferença, nenhum momento é adequado ao nascimento do ser. Agora, o ponto é exatamente este. Como se pode falar de momentos temporais a respeito do nada? De fato, o nada, não sendo nada, não conhece mutação: é sempre idêntico a si mesmo (isto é, é sempre identicamente nada). Contudo, segundo Parmênides, falar de um antes e de um depois nele, ainda faz sentido; dito de outra forma, se pode falar de tempo também onde não há nenhum devir, refutando assim o argumento físico” (Pulpito, 2011, p. 263-4)

Eu quis reportar a passagem por inteiro porque me parece emblemática de uma hermenêutica da qual eu divirjo. Mas antes de proceder a uma crítica dessa hermenêutica, vou expor o segundo trecho do argumento de Parmênides. Como disse antes, eu penso que Parmênides esteja argumentando rigorosamente, utilizando seus dois princípios dos quais ele falou nos fragmentos anteriores. Este segundo trecho é um desdobramento de argumentação a respeito do primeiro *sema*; no trecho anterior (8. 6-9) ele argumentou a favor da impossibilidade da geração a partir do nada, agora vai argumentar a favor da impossibilidade da geração a partir do ser.

Esta segunda parte do argumento nem sempre é claramente identificada pelos críticos. Contudo, é provavelmente a mais importante do primeiro *sema*, antes de tudo porque Parmênides está investigando um processo, a geração do ser, para o qual as respostas imediatas, para um grego de sua época, são apenas duas: ou algo nasce de algo, como se vê pela percepção comum dos fatos mais imediatos da natureza, ou sempre existiu, é um dado do mundo, um fato que não tem origem. Mesmo para fatos fora do alcance imediato, ou seja, os fenômenos naturais mais amplos, a cosmologia, a teologia, as respostas são as mesmas e basta correr os olhos na *Teogonia* de Hesíodo para constatá-las. Certamente, para o grego da época de Parmênides ou antes, não há como resposta possível aquela de que as coisas possam vir do nada. A noção de nada, como elemento cosmogônico ou arquetípico é uma noção ausente da

Galgano, Nicola S.

Depois ou antes: Parmênides e o tempo em DK 8. 9-10

cultura grega antes de Parmênides. Quer tenha ele chegado sozinho à noção de não-ser, quer tenha ele desenvolvido uma ideia importada de outras culturas¹¹, a possibilidade de que as coisas tenham origem no nada é inteiramente nova e, ao que se sabe, de inteira responsabilidade de Parmênides. Então, quando este argumenta rigorosamente contra a origem das coisas a partir do nada, não está certamente questionando uma opinião comum. Pelo contrário, deve ter sido um argumento extremamente árduo para seus contemporâneos, pois Parmênides evidencia que o que surge, virtualmente antes não era; somente depois de seu público ter aceitado isto é que podia, afinal, fazer valer o argumento de que é impossível que algo tenha origem no nada.

Então na primeira parte do argumento – a impossibilidade de que as coisas sejam geradas do nada – estamos em terreno plenamente teórico, cuja dificuldade de aceitação é inversamente proporcional à capacidade de abstração dos *kouroi*: menor capacidade de abstração, maior dificuldade de entender o argumento. Mas na segunda parte do argumento o problema didático aumenta muito porque não só é necessário aceitar que o nada pode ser considerado uma alternativa qual elemento cosmogônico, como também que esse nada está escondido na crença de que as coisas sejam geradas umas das outras, ou seja, se dá um autêntico problema didático de ‘*weltanschauung*’: Parmênides tem que vencer a opinião culturalmente enraizada de que as coisas nascem umas das outras. Como se sabe, ele ataca a maneira comum de ver o mundo quando descreve o comportamento dos *brotói*, ademais parece ter noção bastante clara de que isto é um problema cultural, como transparece nos fragmentos 6 e 7. Então, quando chega na segunda parte do argumento, possivelmente está tocando a parte mais sentida pelo seu público, a parte mais importante, aquela que vai contra a maneira comum de ver, sentir e entender o mundo. Todavia, mesmo sendo a parte mais viva e interessante, não podia estar senão em segundo lugar, porque a segunda parte implica a aceitação da primeira, onde se argumenta que o ser não nasce do nada. Com esta premissa, vamos então à segunda parte do argumento em favor da impossibilidade da geração, desta vez da geração a partir do ser. O argumento se desenvolve do verso 8. 9 ao 8. 13 e envolve os dois preceitos já evocados na primeira parte, são portanto, de novo, cinco passos:

¹¹ A noção de ‘nada’ está presente nas culturas indianas aproximadamente na mesma época de Parmênides (sec. V). No entanto, não se tem certeza se chegou de lá até a Grécia ou da Grécia passou à Índia, principalmente por problemas de datação dos textos indianos (notadamente, os Vedas antigos) mas também pelas condições históricas que possibilitariam o intercâmbio cultural. É também possível que esta noção tenha se desenvolvido independentemente nas duas áreas. (cf. Galgano, 2015a; 156-159)

Galgano, Nicola S.

Depois ou antes: Parmênides e o tempo em DK 8. 9-10

- (1) a tese: o *eon* “é ingênito e imperecível” (8.3, ἀγένητον ἐὸν καὶ ἀνώλεθρόν ἐστιν);
- (2) o problema: “*Por onde, de onde se distenderia?*” (πῆι πόθεν αὐξηθέν; 8. 7a) “*que Necessidade o teria impelido, depois ou antes, a desabrochar começando do nada?*” (8.9-10, τί δ' ἄν μιν καὶ χρέος ὄρσεν ὕστερον ἢ πρόσθεν, τοῦ μηδενὸς ἀρξάμενον, φῶν;)
- (3) axioma da contradição: “*Assim, ou é necessário existir totalmente ou de modo algum.*” (8.11, οὕτως ἢ πάμπαν πελέναι χρεῶν ἐστιν ἢ οὐχί.)
- (4) axioma da não contradição: “*Tampouco que do não ente, nunca força de Fé permitirá...*” (8.12 οὐδέ ποτ' ἐκ μὴ ἐόντος ἐφήσει πίστιος ἰσχύς)
- (5) Conclusão: “*surgir algo para além do mesmo*” (8.13, γίγνεσθαί τι παρ' αὐτό); isto é, não é do ser que nasce o ser.

A paráfrase é similar à do trecho anterior, começando pelo passo (2) e terminando pelo (1). *Por onde, de onde* [o *eon*] *se distenderia* (cresceria)? *E que Necessidade o teria impelido, depois ou antes, a desabrochar começando do nada?* Mais uma vez lembrando que *Assim, ou é necessário existir totalmente ou de modo algum* (um ou outro dos dois caminhos a pensar do fr. 2, mas o segundo é impossível) de onde segue que *tampouco do não ente, nunca força de Fé permitirá* [que algo seja gerado], portanto não permitirá também *surgir algo para além do mesmo*; logo, *o eon é ingênito (quod erat demonstrandum)*.

Como foi dito acima, Parmênides utiliza uma maneira de argumentar muito própria, ele expõe a conclusão em primeiro lugar, como ainda se faz em certas demonstrações matemáticas, onde primeiro se expõe o teorema e depois se demonstra, para enfim se chegar a certa conclusão seguida da expressão, ‘como se queria demonstrar’ (*quod erat demonstrandum*). Neste caso, a conclusão aparece em primeiro lugar: *o eon é ingênito*. Mas esta tese é uma resposta a um problema, que é este: *por onde, de onde se distenderia? que Necessidade o teria impelido, depois ou antes, a desabrochar começando do nada?* Como resolver este problema? Basta aplicar os dois princípios: o primeiro, *o ser é inteiramente ou não é* (axioma da contradição, isto é, há contradição na negação do ser, o ser não pode ser negado); o segundo, *a força da convicção não permitirá a partir do que não é...* (axioma da não-contradição, a contradição deve ser impedida). Finalmente, se conclui: *que possa nascer algo ao seu lado (QED, o ser não nasce do ser, confirmando portanto que o ser é ingênito)*.

A expressão ὕστερον ἢ πρόσθεν, depois ao invés de antes, é certamente uma expressão de tempo, nisto eu concordo com Pulpito, mas discordo de sua interpretação em que Parmênides estaria, por absurdo, imaginando o nada no tempo, onde não haveria nenhum momento privilegiado para o nascimento do ser. Penso que Parmênides esteja falando de algo

Galgano, Nicola S.

Depois ou antes: Parmênides e o tempo em DK 8. 9-10

menos abstrato, ao mesmo tempo mais fácil e mais difícil de se argumentar. Eu penso que Parmênides está falando simplesmente de crescimento, o ser que nasce do ser. De fato, em certo sentido, algo que cresce aumenta apenas de tamanho, mas em certo outro recebe acréscimos ‘ao lado’ como uma nova folha numa planta. Se se aceita esta interpretação, o ‘depois ou antes’ está relacionado com as novas partes que o ente que cresce parece gerar. Se o ente cresce, então vem primeiro a semente e depois a planta, ou primeiro a flor e depois o fruto. Mas, diz Parmênides, o fruto que parece vir da flor, a rigor viria do nada, porque antes não era. Mas, se não era, porque ele surgiu exatamente agora e não antes ainda? Qual necessidade o teria impelido a nascer exatamente agora e não antes ou depois? A resposta comum seria: uma força vital (uma Necessidade) da planta decidiu que fosse agora e não antes e nem depois. Mas, Parmênides responde: isto é impossível, porque se este fruto tivesse nascido (crescido ao lado) antes não era e, pelos dois princípios – o primeiro, *o ser não pode ser negado* e o segundo, *a força de convicção* (a razão!) *não permite pensar e dizer que algo possa vir do nada* – é impossível que algo possa crescer ao lado do que é.

Pulpito procura explicar a passagem pondo em relação o tempo e o nada. Ele afirma que, segundo Parmênides “se houvesse um nascimento a partir do nada, ele deveria acontecer num momento dado”; eu, pelo contrário, penso que Parmênides está sugerindo que o nascimento deveria acontecer num momento dado, se ele viesse a partir do ser. Por exemplo, o fruto nasceria da flor em um certo momento dado, se o fruto viesse da flor. O que Parmênides quer contestar não é a Necessidade que, por absurdo, forçaria a geração a partir do nada, mas a Necessidade que, segundo a crença comum, forçaria a geração a partir do ser, num momento dado. Mas esta Necessidade seria uma Necessidade do ser. É a Necessidade do ser que obrigaria a geração num momento dado. No entanto, o que parece ser gerado, antes não era, logo o que parece nascer, se realmente nascesse deveria nascer por esta Necessidade, num momento preciso que varia pela norma (Necessidade) da natureza, podendo ser antes ou depois. Mas, se o que parece ser gerado, realmente o fosse, ante de nascer não seria, e isto significa que se realmente fosse gerado, seria gerado do nada; mas, se fosse gerado do nada, seria desprovido da *sequência* porque desprovido da Necessidade, pois o nada é uma noção contraditória à qual não se pode atribuir Necessidade, nem Necessidade ao nada. Portanto, discordo de Pulpito quando diz que “os momentos do nada são todos iguais (isto é, o nada no tempo é sempre igual)”, pois Parmênides não faz este discurso sobre o nada, não há nenhuma discussão sobre os ‘momentos do nada’ nem nenhuma referência a um ‘princípio de indiferença’, nem por absurdo, nem em mera discussão teórica. Parmênides diz que o não-ser

Galgano, Nicola S.

Depois ou antes: Parmênides e o tempo em DK 8. 9-10

é um caminho que não pode ser percorrido, pois, qualquer discurso sobre ele seria contraditório. O não-ser é um caminho, mas, diz ele, não pode ser conhecido e, acrescento eu, cheio de armadilhas; de fato, Pulpito diz que “o nada, não sendo nada, não conhece mutação: é sempre idêntico a si mesmo (isto é, é sempre identicamente nada)” atribuindo ao nada exatamente as características de imutabilidade e identidade¹² que Parmênides, exatamente no fr. 8 não se cansa de atribuir ao ser. Portanto, discordo de sua conclusão de que “segundo Parmênides, falar de um antes e um depois nele [no nada] ainda faz sentido”.

Penso que a discussão de Parmênides seja a respeito da Necessidade no ser (uma lei intrínseca ao mundo). Na opinião comum, a Necessidade do acontecer da natureza faz com que as coisas se deem numa sequência necessária, a primavera depois do inverno o fruto depois da flor, o calor do verão antes da colheita da uva. Parmênides diz que se assim fosse, isto é, se as coisas fossem geradas umas das outras, precisaria atribuir essa Necessidade ao nada, pois a Necessidade impeliria o nada a gerar algo, mas isto é contraditório; logo as coisas não são geradas umas das outras. Então, não há aqui nenhuma discussão sobre o tempo e, quando Parmênides rejeita o crescimento e seu *antes* e *depois*, não está rejeitando o tempo, nem muito menos está introduzindo a atemporalidade na discussão. Parmênides está descrevendo e rejeitando a sequência de geração, à qual nos referimos genericamente como crescimento, por exemplo, do fruto que cresce da flor, mas também está rejeitando a sequência dos fatos da natureza, onde a vida de uma nova estação parece nascer depois da morte de uma estação anterior. Lembrando que a percepção da sequência, ou seja, de fatos em sequência, é a condição empírica da percepção do tempo – e que, portanto, a percepção da sequência é anterior e não implica, do ponto de vista empírico, a percepção do tempo –, eu penso que Parmênides esteja contestando a interpretação comum da sequência nascimento-perecimento como fenômeno básico do mundo, aquela generalização dos fenômenos da natureza a partir de uma escala menor (como o brotar de uma folha ou o crescimento dos vários seres da natureza), onde o φῦν (crescer, brotar, referido ao *eon*) de 8. 10 está aos poucos, graças a Parmênides e aos demais pré-socráticos, se generalizando numa φύσις, o mundo como um todo.

Esta ideia de sequência faz mais sentido dentro do argumento nascimento-perecimento, do que a ideia de um antes e depois temporais. Como mostra sobejamente o próprio estudo de Pulpito, não há nenhuma discussão da questão do tempo no poema de

¹² Imutabilidade: 8. 4, ἀτρεμῆς; 8. 15, ἀλλ' ἔχει; 8. 26, ἀκίνητον; 8. 30, μένει; 8. 38, ἀκίνητόν. Identidade: 8. 22, ὁμοίον; 8. 29, ταῦτόν τ' ἐν ταῦτώι; 8. 38-41, τῶι πάντ' ὄνομ(α) ἔσται...etc.

Galgano, Nicola S.

Depois ou antes: Parmênides e o tempo em DK 8. 9-10

Parmênides nem nenhuma afirmação de atemporalidade. A ideia de tempo usada é pressuposta e é aquela comum; aqui em 8. 10, a ideia de tempo (que implica a noção de sequência) está em segundo plano, permanecendo em primeiro plano a noção de sequência, ou seja, apenas a noção empírica que subjaz ao crescimento. É verdade que no poema não parece haver uma discussão explícita sobre a noção de sequência, mas é verdade que esta noção está implícita antes de tudo na ideia de caminhos expressa nos fragmentos anteriores e no próprio fragmento 8; depois, está expressa plenamente na ideia de nascimento-perecimento como fenômenos naturais que obedecem a uma Necessidade cósmica.

Em conclusão, no que diz respeito a este pequeno trecho do poema (8. 9-13) confirmo antes de tudo os resultados do excelente estudo de Pulpito sobre a negação do tempo no poema, embora eu divirja de sua hermenêutica: Parmênides não trata do tempo, não discute o tempo nem oferece ou sugere nenhuma visão atemporalista; em seu argumento apenas pressupõe a noção comum. Em segundo lugar, a expressão ὕστερον ἢ πρόσθεν não tem referência temporal, apenas quer se referir a um fenômeno básico da natureza: a sequência precisa do acontecer, aquele fenômeno conhecido como crescimento.

Parmênides recusa que um ser possa vir de um ser, pois o que é novo, o que se apresenta como um acréscimo, seja ele referido ao ente particular seja ao ser como um todo, não existia antes; por isto ele se pergunta, mas qual Necessidade o fez nascer depois ou antes? Se tivesse nascido, significaria que antes não existia, isto é, significaria que teria vindo do nada. Mas, diz Parmênides, o ser não pode ser negado, pois o ser negado – o ser negativo, o não ser, o nada – não pode ser nem pensado e nem utilizado no discurso que possui força de convicção. Por conseguinte, o ser que parece nascer não nasce, pois mesmo aparentando vir do ser, viria do não-ser; portanto, não há crescimento. Como se percebe, as noções de *antes* e *depois* são inteiramente funcionais à discussão ontológica do nascimento-crescimento, portanto, mais uma vez, in 8. 9-13 não há nenhuma discussão a respeito do tempo.

Referências Bibliográficas

- CAVALCANTE DE SOUZA, J. (dir.) (1996) *Os pré-socráticos*. Ed. Abril Cultural, São Paulo.
- CALOGERO, G. (1967) *Storia della logica antica*, vol. 1, L'età arcaica. Ed. Laterza, Bari.
- CERRI, G. (1999) *Parmenide di Elea - Poema sulla natura*. Ed. BUR, Milão.
- CORDERO, N.-L. (2005), *Siendo, se es*. Ed. Editorial Biblos, Buenos Aires.
- KAHN, C. (1968) resenha a L. Tarán *Parmenides* In *Gnomon*, 40 pp. 123-133.

Galgano, Nicola S.

Depois ou antes: Parmênides e o tempo em DK 8. 9-10

- KAHN, C. (1969) The Thesis of Parmenides, in *Review of Metaphysics*, 22, (1969), pp. 700-24.
- GALGANO, N. (2015a) *O preceito da Deusa. O não ser como contradição em Parmênides de Eléia*. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- GALGANO, N. (2015b) Estudo do imperativo no poema de Parmênides. In Carvalho, M. e Amaral, G. (org.) *Filosofia grega e helenística*. São Paulo, ANPOF.
- GUTHRIE, W. K. C. (1978), A history of Greek philosophy, vol. II, The presocratic tradition from Parmenides to Democritus. Paperback of first edition 1965, Cambridge, Londres.
- LOPES, R. (2011) *Timeu-Critias*. Tradução, introdução notas e índices, ed. CECH, Coimbra.
- MANCHESTER, P. B. (1979) Parmenides and the need for eternity. In *The monist*, vol. 62, n. 1, Parmenides studies today, p. 81-106, Ed. Hegeler Institute.
- MOURELATOS, A. (2008) *The route of Parmenides*. 2a edição, Ed. Parmenides Publishing, Las Vegas.
- O'BRIEN, D. (1987) L'être et l'éternité. In: Aubenque, P. (dir.) *Études sur Parménide*, tomo II, pp. 135-162, Vrin, Paris.
- PULPITO, M. (2005) *Parmenide e la negazione del tempo*. Ed. LED, Bari.
- PULPITO, M. (2011) Quanto dura *to eon*? Parmenide e la presupposizione del tempo. In Ruggiu, L. e Natali, C. (cur.) *Ontologia Scienza Mito*, pp. 257-269, Mimesis Edizioni, Milano.
- REALE, G. (1970), *Melisso, testimonianze e frammenti*, ed. La Nuova Italia, Firenze.
- ROSSETTI, L. (2010) La structure du poème de Parménide. In *Philosophie Antique*, n. 10, p. 187-226. Ed. Les Presses Universitaires de Septentrion.
- SANTORO, F. (2011) Filósofos épicos I – Parmênides e Xenófanés. Fundação Biblioteca Nacional, Hexis, Rio de Janeiro.
- SORABJI, R. (1983) *Time, Creation and the Continuum: Theories in Antiquity and the Early Middle Ages*, Londres.
- TARÁN, L. (1965) *Parmenides. A text with translation, comentary and critical essay*. Princeton University Press, Princeton.
- TARÁN, L. (1979) Perpetual duration and Atemporal Eternity in Parmenides and Plato. In *The Monist*, 62, pp. 43-53.
- WHITTAKER, J. (1971) Parmenides fr. 8,5. In *God, Time, Being. Two studies in the Transcendental Tradition in Greek Philosophy*, Symbolae Osloenses, suppl. 23, pp. 16-32.

[Recebido em junho de 2015; aceito em julho de 2015.]